



Atum não é acto erótico, é princípio dos deuses cósmicos (Shu, Tefnut) e finalmente dos deuses históricos (Osíris, Seth), numa palavra princípio do universo em que se inserem os deuses. Só superficialmente o acto é «grosseiro» (termo que já empreguei, afinal com bons egiptólogos). Fez-se da necessidade virtude, pois não havia deusa paredra.

São sobretudo questões de forma; mas é perigoso embarcar na facilidade e fluência da escrita quando se trata de assuntos sérios. Questão menor é a da data de inscrição de Shabaka (p. 50: III dinastia). Convinça-me mais o argumento de S. Morenz pela passagem da V à VI dinastia (desaparecimento do elemento Ré nos antropónimos). E vejo finalmente que Hornung avança quase um milénio para o Império Novo.

Muito há a esperar do A., que lê os originais egípcios. Com o instrumental metodológico e linguístico e já superadas com êxito as provas de doutoramento, L. M. de Araújo será, assim o espero, um dos pilares de fundação da Egiptologia portuguesa e lusófona.

*José Nunes Carreira*

**CUNCHILLOS, JESUS-LUIS;** José-Ángel Zamora: *Gramática ugarítica elemental*, Ediciones Clásicas, Madrid, 1995. ISBN: 84-7882-186-4, 61 p.

Esta gramática elementar de ugarítico foi concebida pelos seus Autores no âmbito de uma sistematização de métodos, técnicas e linguagens que fazem convergir o estudo das línguas orientais com as perspectivas e possibilidades da informática. É uma iniciação ao ugarítico para utentes de outras disciplinas, simplesmente como cultura básica, e não explicitamente para quem se projecta para a especialização nestes domínios. Nada obsta, no entanto, que estes últimos façam igualmente por aqui o seu primeiro itinerário. E até os orientalistas mais avançados podem refazer e rever muito do caminho já percorrido.

Este projecto decorre actualmente, com uma programação sistemática e uma já rica produção, no Consejo Superior de Investigaciones Científicas de Madrid. Pretende este pequeno manual ser uma introdução fácil e diáfana à língua de Ugarit e aos motivos que podem justificar a sua aprendizagem.

Em suma, a literatura de Ugarit reproduz o essencial da cultura de Canaã de que estava informada a civilização fenícia; e, exprimindo-se directamente através dos Fenícios e indirecta mas não menos intensa-

mente através da Bíblia, a cultura de Canaã tem connosco ligações originárias. Trata-se, por conseguinte, de um núcleo clássico para nós também. E é com estes pressupostos que se entendeu disponibilizar um manual de ugarítico de nível bastante introdutório. Este manual é, portanto, uma introdução à cultura fundamental. Com o mesmo espírito, aliás, promete-se na introdução que, de imediato, se irão preparar outros vários manuais semelhantes para as línguas egípcia, suméria, acádica e hitita.

De matéria propriamente ugarítica, o primeiro que é apresentado é uma síntese sobre a história da cidade e o reino de Ugarit, com uma interessante planta do seu palácio real, onde se assinalam as localizações específicas dos arquivos de acervos documentais especializados.

É, depois, apresentada a escrita de Ugarit, um alfabeto cuneiforme, que, podendo não ser o alfabeto mais antigo, é certamente o alfabeto mais antigo que aparece exemplificado num número grande de obras valiosas. E se mais não houvesse, esta razão era suficiente para lhe dar importância.

Da gramática propriamente dita, a pedagogia adoptada consistiu na apresentação das características essenciais e das características de cada sector gramatical, com muita preocupação em que a síntese elaborada possa servir como introdução para as outras línguas semíticas, cuja convergência estrutural se sublinha frequentemente. Depois, destacam-se as desinências grafemáticas de cada capítulo gramatical, muito bem sistematizadas, concluindo-se com um paradigma propriamente dito, realizado de forma fonética integral, ultrapassando as dificuldades próprias da escrita puramente consonântica que o ugarítico, bem como os restantes alfabetos da área semítica, praticavam.

O capítulo dos verbos é exposto de maneira bem mais longa do que o do nome (substantivo e adjectivo). Este facto é compreensível, tendo em conta a extrema complexidade formal que a conjugação dos verbos apresenta. Mesmo explicando todas as conjugações, a conjugação básica é aquela que mais directamente se apresenta exposta, tanto sob a forma esquemática dos grafemas verbais como sob a forma de paradigma em escrita fonetizada. Os verbos fracos são objecto de uma simples e esquemática grelha.

Pronomes e partículas, tendo em conta a sua condição quase voca-  
bular, são apresentados sob a forma de lista completa, com a matização funcional e sintáctica dos pronomes de possessivo e de complemento.

E como esta gramática pretende ser uma pedagogia de iniciação, a sua última secção consiste precisamente na apresentação de três textos ugaríticos: uma carta, um documento jurídico e um registo administrativo. Para estes documentos, é apresentado o original em alfabeto cuneiforme, uma transcrição e a respectiva tradução feita por um autor ali referido, concluindo-se com um vocabulário geral.

A bibliografia apresentada, para que o leitor possa aprofundar o caminho iniciado (p. 64), é inteiramente constituída por livros originais em castelhano, um luxo cultural que possibilita e justifica uma produção como esta. E dos quatro títulos apresentados, três são do primeiro Autor desta gramática, o que diz bem da dedicação que, desde há longos anos, J - L. Cunchillos consagra a estes temas.

Ao longo da gramática, como expressão viva da história que nela se espelha, são apresentados textos ugaríticos em tradução, que, de algum modo, complementam a apresentação das questões teóricas da gramática.

*José Augusto M. Ramos*

**CUNCHILLOS, JESUS-LUIS;** José-Ángel ZAMORA: *Gramática fenícia elemental*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1997, ISBN 84-00-07702-4, 170 p.

A *Gramática ugarítica elemental*, que anteriormente se recenseou, era ainda uma publicação preparatória, que confluía, nas preocupações dos investigadores e Autores para este campo de operações culturais, mas que se não situava ainda dentro do programa aqui prosseguido, no interior das programações científicas do CSIC. Daí que, sendo do mesmo modelo pedagógico, tal como se pode ver pelo próprio traçado do título, temos nesta gramática elemental de fenício um produto razoavelmente mais elaborado.

O programa em que esta gramática se insere é o de um “Banco de Datos Filológicos Semíticos Noroccidentales” (BDFSN), que conta já com obras várias sobre Ugarit, nomeadamente edições de textos e de concordâncias e mesmo um banco de dados na Internet, para a literatura de Ugarit (1.<sup>a</sup> parte) e um sistema gestor de dados fenícios e púnicos, em “software” (2.<sup>a</sup> parte), além de algumas monografias historiográficas. Por outro lado, esta mesma gramática é concebida como o primeiro passo e como um instrumento organizador para um trabalho de grande sistemati-